

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem, v. 1). 136p. ISBN: 978-85-249-1817-9.

Sebastião Carlos Leite GONÇALVES¹

A obra objeto desta resenha integra, como primeiro volume, a Coleção *Leituras Introdutórias em Linguagem*, que tem como organizadoras Angela Paiva Dionísio, Maria Auxiliadora Bezerra e Maria Angélica Furtado da Cunha. Essa Coleção, como informam as organizadoras, visa a atingir um público mais geral, interessado nos estudos da linguagem, tal como “alunos e professores de Letras, Linguística, Educação, *Design*, Sociologia, Psicologia” (p. 9), por meio da exploração de temas que possam motivar o leitor na busca de conhecimentos mais aprofundados.

O diferencial dessa Coleção, a meu ver, reside na metodologia de trabalho que adota para proposição de suas obras. Antes de ser submetida à avaliação da Editora, a obra é avaliada por dois times de leitores, que têm por função apresentar sugestões de aprimoramento ao autor: o primeiro time é composto por 10 alunos de graduação em Letras de diferentes universidades brasileiras, e o segundo, por especialistas da área, que avaliam uma possível segunda versão da obra, já com a incorporação das sugestões apresentadas pelo primeiro time. Fundamental, durante todo esse processo, é a atuação das organizadoras, que também avaliam o conteúdo da obra e sua adequação aos objetivos da Coleção. Seguramente, esse procedimento garante que se chegue ao público uma obra de forte consistência interna, em termos teórico-metodológico e prático.

M.E. Martelotta, autor da obra e renomado linguista de orientação funcionalista, foi professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, onde atuou no ensino de graduação e de pós-graduação, integrante, e

¹ Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – Universidade Estadual Paulista – UNESP – São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Bolsista Produtividade do CNPq. scarlos@ibilce.unesp.br

um dos líderes, do Grupo de Pesquisa “Discurso & Gramática”, pesquisador do projeto PHPB (Para História do Português Brasileiro) e bolsista produtividade do CNPq. Embora tenha nos deixado precocemente, reuniu, durante seu tempo de convivência na comunidade linguística, ampla experiência em pesquisas na temática de que trata a obra, especialmente em estudos identificados com a Gramaticalização. Além de autor de artigos em periódicos e de capítulos livros, nacionais e internacionais, foi organizador/coautor de diversos livros, dentre os quais merecem destaque: *Manual de Linguística* (2008, Editora Contexto), *Gramaticalização* (2004, Editora da UFRJ), *Linguística Funcional: teoria e prática* (2003, DP&A Editora), *Gramaticalização no Português do Brasil* (1996, Tempo Brasileiro).

Esta resenha segue estruturada em duas partes principais: na primeira, faço uma exposição do conteúdo da obra, capítulo a capítulo, avaliando, na medida do possível, suas partes componentes; na segunda, a de avaliação final, julgo o mérito da obra, sobretudo no que diz respeito ao alcance dos objetivos a que o autor se propõe.

1. O conteúdo da obra

A obra compõe-se de três capítulos, precedidos de uma “Apresentação” do próprio autor (p. 11-25) e seguidos das “Considerações finais” (p. 122-125), de uma proposta de exercícios denominada “Desdobramentos do tema” (p. 125-126), de bibliografia comentada em parte intitulada “Lendo mais sobre o assunto” (p. 127-128) e das “Referências” bibliográficas (p. 129-133). Conta ainda com um índice remissivo de assuntos. Uma apresentação da Coleção (p. 9-10) antecede suas partes componentes. Passo, então, a comentar a obra, capítulo a capítulo e seção a seção.

Introduzindo o tema (p. 17-25)

Como parte da Apresentação da obra, o autor introduz o tema a ser tratado, com a exposição de duas visões diferentes sobre língua/linguagem – uma visão de que a língua é entidade estática e outra de que ela é entidade dinâmica –, para, na sequência, afirmar o seu caráter mutável, justificando assim sua defesa dessa segunda visão. São apresentados como esposando essa visão estática e homogeneizante de língua, o estruturalismo saussuriano (nas dicotomias *langue x parole*, *sincronia x diacronia*) e o gerativismo de

Chomsky (na distinção *competência x desempenho*), vertentes nas quais o uso da língua não tem lugar, visão reinante na linguística de quase toda a primeira metade do século XX. Como representantes de uma vertente com visão dinâmica da língua, o autor destaca a sociolinguística, de modo mais pontual, e o funcionalismo linguístico, de modo mais amplo, cujas forças na explicação da mudança se fizeram sentir especialmente a partir da década de 1970. Estabelece-se assim o panorama histórico sobre o qual se fundam os objetivos da obra: focar a variação e a mudança linguísticas (mais esta do que aquela) a partir do uso, sob as bases da indissociabilidade entre regras gramaticais e o uso que delas se faz. O histórico dessas abordagens da mudança aparece mais bem discutido no capítulo 1 da obra.

Ainda nesta parte introdutória, tomando a mudança como fenômeno que concretiza a dinamicidade da língua, o autor contrapõe o método tradicional ao método moderno de abordagem da mudança: enquanto o primeiro é “cego” aos vários níveis da língua que um dado fenômeno de mudança pode afetar, o segundo necessariamente considera a relação entre os diferentes níveis para uma explicação completa do fenômeno, compromisso que o autor diz que assumirá ao longo de sua exposição. Já nessa introdução do tema fica bastante clara a posição epistemológica sobre a qual a obra erige.

Capítulo 1: A natureza dinâmica das línguas (p. 27-54)

Na introdução do capítulo 1, o autor apresenta a mudança e a variação como resultantes da visão de que ambas decorrem do funcionamento da linguagem, ou seja, de estratégias comunicativas que os usuários empregam em diferentes situações de uso da língua. Essa visão, defendida ao longo de toda a obra, orienta o leitor para a compreensão do que se encontra no restante do capítulo corrente, em que, por um viés histórico, o autor aborda a mudança na contemporaneidade (séculos XIX a XXI), informações que constituirão “pano de fundo” para o desenvolvimento da temática nos dois próximos capítulos.

Na seção principal desse primeiro capítulo (“Compreendendo o fenômeno da mudança linguística”), segue então o detalhamento histórico do tratamento da variação e da mudança, desde o surgimento da linguística até os dias atuais. O histórico inicia-se pela *gramática histórico-comparativa*, que, praticada no século XIX, tem em Schleicher o principal representante a defender a evolução natural da língua (no sentido darwiniano), a qual,

como qualquer outro organismo vivo, nasce, se desenvolve e morre, posição epistemológica negada, posteriormente pelos neogramáticos, que advogarão por uma mudança linguística guiada não por sucessivos estágios, mas pelo *princípio do uniformitarismo*: mesmas tendências gerais de mudança são perceptíveis em diferentes momentos da evolução das línguas, mudança sempre decorrente de hábitos linguísticos individuais. Em outras palavras, “embora sejam resultantes de leis gerais que transcendem o tempo, as mudanças ocorrem no indivíduo, que, ao utilizar a língua, efetiva as tendências mecânicas, ou as evita” (p. 34). Na sequência, o autor apresenta como a mudança é concebida em diferentes momentos da história da linguística, representados por Saussure, Chomsky e Labov.

A abordagem do estruturalismo de Saussure começa pela clássica distinção entre sincronia e diacronia, sobre a qual recai, hoje, a crítica de que, nos moldes como vêm sendo praticados os estudos sobre mudança linguística, tal distinção não se sustenta mais dada “a ingenuidade da visão de que as línguas sejam completamente uniformes em um determinado momento de sua evolução” (p. 37), a ponto de ser possível separar com nítida clareza fatos sincrônicos de fatos diacrônicos, tomando apenas os primeiros como objeto de investigação.

Entrando na seara chomskyana, o autor resume, inicialmente, alguns postulados básicos do gerativismo, para melhor embasar a concepção de mudança assumida por essa vertente linguística da atualidade. Assim é que apresenta ao leitor o *princípio do inatismo* e a *gramática universal*, o *princípio da modularidade da mente* e a distinção entre *competência* e *desempenho* (herança da tradição estruturalista). Mostra o autor que é sob o *Modelo de Princípios e Parâmetros*, surgido na década de 1980, que a mudança linguística toma lugar no interior da teoria gerativista, que passa, então, a contar com um aparato para a explicação da variação, intra e transsistêmica, e da mudança, tanto na dimensão sincrônica quanto diacrônica. O que o autor mostra é que essa é uma proposta em que a mudança linguística aparece dissociada do uso, à medida que se atribui à criança, no processo de aquisição da linguagem, a responsabilidade pela mudança, proposição contra a qual ele se coloca, recorrendo aos modelos de mudança via gramaticalização, que assumem grupos de falantes em interação como agentes principais da mudança.

Chegando, por fim, ao tratamento da mudança sob o viés da Sociolinguística e do Funcionalismo (por assim dizer), que assumem como objeto de

investigação a linguagem inserida em seu contexto social, o autor apresenta o modelo de análise sociolinguístico como totalmente centrado no uso e assumindo a variação e a mudança como seus principais objetos de investigação. Esse modelo, segundo argumenta o autor, não chega a dar conta de todos os tipos de mudança, como, por exemplo, os de ordem semântico-pragmática, que levam à disfunção entre forma e significado, em que a uma mesma forma associa-se mais de uma função – casos de polissemia ou de multifuncionalidade de um dado elemento da língua. Esses tipos de mudança interessam à gramaticalização, outro “modelo” explicativo que surge para dar conta da variação não de forma, mas de sentido/função, motivada pelo uso.

Como se observa, o conteúdo do capítulo se desenvolve rumo à afirmação da postura teórico-metodológica da variação e da mudança defendida pelo autor: a centrada no uso. De cada momento histórico são apresentados os avanços e as limitações na abordagem da mudança, estratégia argumentativa para convencer o leitor de que fica difícil querer entender a mudança sem considerar o uso como principal desencadeador, componente ausente (ignorado) nos primeiros momentos históricos da Linguística.

Capítulo 2: Linguística centrada no uso e mudança (p. 55-91)

No capítulo 2, antes de passar à análise de fenômenos de mudança, o autor cuida de precisar o que se deve entender por uma análise linguística centrada no uso: “um tipo de abordagem que, como o próprio nome sugere, considera haver uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação”, e que incorpora “em suas análises, dados semânticos, pragmáticos e discursivos” (p. 38). Firmando então sua posição contrária às abordagens que separam a língua de seu uso, são palavras esclarecedoras do autor:

Nessa visão, não faz sentido uma separação categórica entre competência e desempenho: os eventos de uso dirigem a formação e o funcionamento do sistema linguístico interno do falante, cuja estrutura não se separa do processamento mental que ocorre no uso que faz da língua. (p. 56)

Como explicitação dessa abordagem mais teórica da mudança, o autor passa então a explorar: (i) **a relação entre biologia e cultura**, negando

a autonomia da sintaxe e associando-a fortemente a fenômenos de natureza semântica ou discursivo-pragmática, principal ponto de divergência entre linguistas do uso e linguistas gerativistas; (ii) **o papel da interação**, em que argumenta que a gramática das línguas é um fenômeno sociocultural e, portanto, não decorre simplesmente do domínio de mecanismos sintáticos, mas também de processos associados à organização textual e à interação verbal; (iii) **o papel da cognição**, em que se ressaltam os mecanismos “essenciais aos seres humanos, como simbolização, transferência entre domínios, armazenamento de informação na memória, processamento e interpretação da informação” (p. 67), categorização, entre outros, mecanismos esses regulados pelas habilidades que o ser humano tem de buscar padrões e de perceber intenções. Esses pontos destacados pelo autor vêm consolidar sua posição de que a gramática das línguas é sempre emergente, e nunca um produto acabado.

Na segunda seção do capítulo, dedicada ao estudo de fenômenos de mudança centrada no uso (*O fenômeno da mudança na perspectiva da linguística centrada no uso*), o autor aborda: (i) **a regularidade da mudança**, no que diz respeito aos mecanismos por meio dos quais ela ocorre, aos elementos nela envolvidos e à sua propensão à unidirecionalidade (que leva à mudança de um elemento/construção de concreto a abstrato, do menos a mais subjetivo, de internamente composicional a não composicional); (ii) aspectos da **teoria da inferência sugerida na mudança linguística**, parte na qual são discutidas, com a devida profundidade, a metáfora e a metonímia, mecanismos responsáveis pela transferência de sentido entre domínios cognitivos distintos ou pela contiguidade de sentidos coexistentes para uma mesma forma ou em um mesmo contexto morfossintático; (iii) **algumas considerações sobre a noção de construção gramatical**, parte final do capítulo na qual o autor destaca a inviabilidade de se descreverem estruturas sintáticas somente por critérios morfossintáticos ou por propriedades semânticas de seus elementos constitutivos, “já que o significado da construção não equivale à soma dos significados de suas unidades constituintes”; uma construção caracteriza “qualquer elemento formal diretamente associado a algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional” (p. 85).

Capítulo 3: Gramaticalização e lexicalização (p. 91-123)

O capítulo 3 é inteiramente dedicado a tratar de dois tipos especiais de mudança: a *gramaticalização* e a *lexicalização*, os quais, embora distintos, “apresentam características muito semelhantes no que diz respeito à direção natural da mudança que veiculam” (p. 91).

Na seção destinada à gramaticalização, após oferecer a definição do processo, o autor passa a exemplificá-la com fenômenos variados: (i) passagem de vocábulo livre a afixo; (ii) passagem de verbo pleno a auxiliar; (iii) passagem de advérbio a conjunção; (iv) passagem de advérbios de modo a modalizador; (v) passagem de advérbios de modo a marcador discursivo. Na sequência, mostra como a gramaticalização pode levar a outros fenômenos de mudança, ou seja, trata de “Fenômenos de mudança consequentes de gramaticalização”, recorrendo à mudança no preenchimento da posição de sujeito, no PB, e na ordenação de advérbios, do latim ao português.

No tocante à unidirecionalidade do processo de gramaticalização, com base em Heine e Kuteva (2007),² o autor apresenta quatro parâmetros que a firmam como princípio diretivo da mudança: (i) **a extensão** (ou generalização de contextos), por meio da qual uma forma tem seu sentido ampliado, passando a exercer novas funções em contextos diferentes do original, manifestando assim o *princípio da exploração de velhos meios para novas funções*; (ii) **a dessemantização** (ou *bleaching*, redução semântica), por meio da qual uma forma/construção “perde” parte de seu sentido original ao ser reinterpretada nos novos contextos em que passa a atuar, implicando sempre a veiculação de um sentido mais abstratizado; (iii) **a descategorização** (ou mudança de categoria), que se instancia quando uma forma/construção perde os privilégios morfossintáticos que a caracterizam originalmente como de sentido pleno e passa assim a integrar uma nova categoria, dadas as alterações semânticas, sintáticas e pragmáticas por que passa; (iv) **a erosão** (ou redução fonética), processo por meio do qual uma forma/construção perde substância fônica, em decorrência da sua alta frequência de uso.

Como motivações da gramaticalização, o autor cita as decorrentes da interação (motivações comunicativas) e do contato linguístico, desenvolvendo somente o primeiro tipo e apenas mencionando o segundo, o que, a meu

² HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ver se justifica, por se tratar de temática que requer um aprofundamento teórico em termos de mudança não suficientemente tratado nos limites da obra. No primeiro tipo de motivação se enquadram as decorrentes de: (i) necessidade de expressar domínios abstratos da cognição em termos de domínios concretos; (ii) negociação do sentido por falante e ouvinte no ato da comunicação; (iii) tendência dos ouvintes para selecionar estruturas ótimas; (iv) tendência dos falantes para usar expressões novas e extravagantes; (v) iconicidade, marcação e frequência.

Partindo para o segundo tipo de mudança, a lexicalização, o autor o define e o diferencia do processo de gramaticalização e de outros processos comuns de formação de palavras, fornecendo argumentos que impedem que se identifique a lexicalização como processo reverso da gramaticalização. Fecha essa seção o elenco de propriedades comuns aos dois processos de mudança tratados no capítulo.

Partes finais da obra (p. 122-135)

A obra se encerra com as *Considerações finais* do autor sobre mudança, parte na qual ele retoma o mote que guiou toda sua exposição, o de que a mudança linguística encontra sua motivação no uso. Como apêndice da obra, o autor oferece algumas atividades práticas (*Desdobramento do tema*), com o objetivo de incentivar o leitor a investigar questões discutidas na obra. A tarefa basicamente se resume a investigar alguns fenômenos, índices de mudança, em textos do português arcaico e do português escrito contemporâneo, tais como diferenciação ortográfica, comportamento de conjunção, ordenação de constituintes argumentais, ordenação de advérbios. Fecha a obra uma bibliografia comentada (*Lendo mais sobre o assunto*), na qual são apresentadas, ao leitor, algumas obras que tratam “direta ou indiretamente do fenômeno da mudança” (p. 127), e à qual se seguem as referências bibliográficas e o índice remissivo de assuntos.

Sobre essas partes finais, tenho a considerar que: (i) a proposta de exercício poderia ser mais elaborada, se a intenção é realmente a de instigar o leitor ao aprofundamento de algumas temáticas tratadas ao longo da obra. Algumas tarefas são genéricas demais (cf. “Observe a ocorrência de algum vocábulo que tenha, na época, um sentido diferente do que ele apresenta atualmente”, p. 125); (ii) a bibliografia comentada poderia ser ampliada e não

ter caráter tão endógeno, tendo em vista a existência, no mercado editorial, de obras recentes que tratam da temática da mudança, principalmente sob o viés da gramaticalização e da variação;³ à exceção da obra de Coseriu (1979),⁴ todas as demais são de autoria de pesquisadores da UFRJ. Além disso, dado o público que pretende atingir, poderiam inclusive ter sido incorporados comentários sobre obras estrangeiras fundantes da temática; (iii) o índice remissivo é bastante enxuto, com pouco mais de vinte termos, a meu ver, até dispensáveis, tivesse o sumário sido composto de forma mais detalhada, incluindo seções e subseções de cada capítulo.

Avaliação final

Embora integrante da Coleção “Leituras Introdutórias em Linguagem”, destinada, como mencionei de início, a público mais geral, a obra não deixa de se enquadrar numa linha de caráter mais especializado e inovador, pelas seguintes razões:

- a) lida com temática que requer, de algum modo, conhecimento linguístico prévio;
- b) pelo seu conteúdo, seguramente atingirá público-alvo já iniciado nos estudos linguísticos: alunos de pós-graduação, professores universitários e pesquisadores, admitindo-se, também, alunos de graduação, dada a clareza da exposição e a farta exemplificação de fenômenos de mudança, que evidenciam o caráter didático de que a obra se reveste, principalmente no tocante ao fato de os capítulos apresentarem-se em um crescente de complexidade, em que o inicial fornece as bases necessárias para os dois que se seguem, o terceiro, especialmente; trata-se assim de obra com conteúdo teórico acessível, mas nem por isso habilitada a incluir um público sem qualquer formação linguística prévia;

³ Cito apenas algumas: (i) VITRAL, L. T.; COELHO, S. M. (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010; (ii) GONÇALVES, S. C. L. et al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007; (iii) ZILLES, A.; GUY, G. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

⁴ COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Universidade de São Paulo, 1979.

c) a temática da mudança é tratada em profundidade e tem alinhamento teórico e epistemológico bastante claros, à medida que polemiza/dialoga com outras posições que não têm o uso como motivador da mudança;

d) a unidade e organicidade em torno do tema da mudança são mantidas em todos os capítulos, e os propósitos que justificam o tratamento do tema são perseguidos pelo autor ao longo de toda a obra.

Por essas razões, minha avaliação é de que a obra dá conta dos objetivos a que se propõe: tratar a mudança assumindo uma perspectiva funcionalista, que tem no uso a motivação para as alterações que se verificam nas línguas.